

COMBATE À PANDEMIA NAS FAVELAS RECEBE RECURSOS DA ALERJ

Página 6

NÓS CONSEGUIMOS FAZER

Mesmo sob ataques do governo à sua autonomia e com corte de verbas, a universidade pública vem cumprindo seu papel em defesa da Ciência e do país. Na semana em que o presidente Jair Bolsonaro confessou sua própria incompetência ao afirmar que “o Brasil está quebrado” e que ele não consegue “fazer nada”, o **Jornal da AdUFRJ** mostra que a UFRJ vem conseguindo fazer muita coisa. Sobra aqui o que falta no Planalto: valorização do conhecimento e compromisso social.



MATÉRIA EXCLUSIVA revela que pesquisadores da universidade descobriram um mecanismo que pode ajudar a entender como células saudáveis se transformam em cancerígenas. O estudo tem como base a presença de transportadores de fosfato nas células.

Página 3



EM CONTRAPONTO à inércia do governo federal para combater a pandemia que já matou mais de 200 mil brasileiros, a professora Ligia Bahia, pesquisadora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, propõe a criação de um fundo para garantir a vacinação da população.

Página 7



EM DUAS FRENTES, setores da UFRJ se mobilizam para garantir a permanência no Brasil de um raro meteorito, e para preservar e abrir ao público a biblioteca com cerca de 17 mil volumes do economista e ex-reitor Carlos Lessa.

Páginas 5 e 8

EDITORIAL

QUE VENHA 2021 COM SEUS DESAFIOS. TEREMOS A VACINA E ESTAREMOS NA LUTA!

DIRETORIA

Há apenas cinco meses, no dia 7 de agosto de 2020, nosso jornal prestava uma homenagem à memória dos 100 mil mortos oficiais, vítimas da covid-19, e se solidarizava com as famílias e os amigos dos que partiram. Iniciamos o ano de 2021 com a tenebrosa marca de 200 mil óbitos notificados. Dobramos o número, e não há por parte desse desgoverno qualquer gesto de solidariedade às centenas de milhares de pessoas que perderam seus entes queridos. Ao contrário, permanece o escárnio, o menosprezo pelas vidas já perdidas e por aquelas mortes que irão acontecer, sem que se vislumbre nenhuma ação consistente por parte do Ministério da Saúde.

Em relação às universidades públicas, o mesmo desrespeito e impulso destrutivo. A última escolha da lista tríplice para reitor da UFPE demonstrava de forma inequívoca que o projeto é mesmo: desmoralizar, desorganizar e desorientar as instituições universitárias brasileiras. A escolhida pelo presidente, a professora

A hora é simplesmente de cumprir a tarefa que nosso tempo nos legou: vamos lutar dia e noite, de forma incansável, pela derrota de Bolsonaro. Não porque este seja o nosso inimigo eleitoral, mas porque com ele não estamos apenas à deriva, mas sim sendo conduzidos aos rochedos, para que naufraguemos como nação.

Isabela Fernandes, é a segunda colocada da lista, com apenas seis votos. Entretanto, não se trata de uma aliada bolsonarista em busca de notoriedade e poder. Ela é parte da equipe do professor Paulo Ferreira, integrou sua chapa e integraria sua equipe. Logo, a natureza do gesto é tão somente desafiar a comunidade universitária, desqualificar sua escolha, desagregar a instituição, dificultar a gestão. Enfim, seu objetivo é apenas o de trazer pro-

blemas, destruir o que está feito e atrapalhar a vida das pessoas. Apesar do quadro terrivelmente adverso, nós seguimos resistindo e produzindo. E foi essa a escolha para a capa de nosso jornal. Vamos ocupá-la com a vida, com a produção de conhecimento, com iniciativas e propostas importantes para a sociedade. É hora de recarregarmos a bateria, renovarmos as esperanças e acreditarmos em nossa força e capacidade de mobilização.

O ano mal começou e já deu mostras de que não será simples atravessá-lo. A eleição do pastor Raphael Warnock para o Senado norte-americano pelo estado da Geórgia foi um fato histórico, digno de uma grande comemoração. Não só por ser democrata, mas porque pôs em campo um eleitorado negro que estava afastado da política. Só que não nos deixaram comemorar por muito tempo. As cenas grotescas da invasão de supremacistas no Congresso imediatamente ocuparam as manchetes e noticiários de todo o mundo. Um espetáculo de horror, mas quase risível, onde vale aquela velha expressão: seria cômico se não fosse trágico. Nos próximos dias, vamos poder avaliar melhor a extensão do movimento e os passos que serão dados em relação a Trump. Trata-se de uma jogada importante para o nosso tabuleiro político. O inepto que ocupa a Presidência da República no Brasil já aproveitou para bater na tecla da fraude da eleição eletrônica, tentando armar a cama dele por aqui, seguindo os passos do líder.

Apesar de estar em crescente isolamento, Bolsonaro não é carta fora do baralho e ele nunca escondeu seus delírios autoritários. É tarefa urgente derrotá-lo em todas as frentes. Como já tentamos demonstrar no início desse texto, não se trata de disputar um projeto, ou de derrotar uma proposta de governo de extrema-direita. Trata-se de um não-governo, cujo único projeto parece ser o de destruir todas as redes de proteção ao cidadão, ao meio-ambiente, à vida. Não podemos nos abater com o tamanho do problema, nem nos iludirmos de que teremos uma grande vitória. A hora é simplesmente de cumprir a tarefa que nosso tempo nos legou: vamos lutar dia e noite, de forma incansável, pela derrota de Bolsonaro. Não porque este seja o nosso inimigo eleitoral, mas porque com ele não estamos apenas à deriva, mas sim sendo conduzidos aos rochedos, para que naufraguemos como nação.

Que venha 2021 com seus desafios! Será melhor que 2020, porque ao menos agora já sabemos o que nos espera e aprendemos um pouco a lidar com tudo isso. Teremos a vacina, temos propostas para que ela chegue a todos, estamos vivos e estaremos na luta!

FOTO DA SEMANA



ATENTADO À DEMOCRACIA

Incitados pelo presidente Donald Trump, manifestantes invadiram o prédio do Congresso dos EUA em sessão que confirmaria a vitória do adversário Joe Biden nas eleições do ano passado. Durante o confronto, quatro pessoas morreram e 50 foram detidas. As cenas de barbárie chocaram o mundo. Líderes de diversos países criticaram a postura de Trump e condenaram o atentado à democracia. Ligado ao atual presidente norte-americano, Jair Bolsonaro não se pronunciou oficialmente sobre os incidentes de Washington. Pior: ameaçou dizendo que se o voto for eletrônico em 2022, o Brasil viverá o mesmo cenário.

INTERVENTÔMETRO

Bolsonaro iniciou o ano com mais um ataque à autonomia universitária. Em decreto do dia 6, nomeou a segunda colocada da lista tríplice para a reitoria da Universidade Federal de Pelotas. É a 19ª intervenção do governo em universidades e institutos federais. A professora Isabela Fernandes recebeu apenas seis votos no Conselho Universitário, contra 56 do professor Paulo Roberto Ferreira Júnior. A novidade desta intervenção é que Isabela fez parte da chapa eleita pela comunidade universitária. Ela seria pró-reitora da nova gestão. A comunidade acadêmica também decidiu inovar na resistência. A UFPE terá dois reitores a partir desta sexta-feira (8). Isabela, nomeada legalmente, e Paulo, de forma extraoficial, vão fazer a cogestão da universidade. Em formaturas, reuniões com o governo, com o prefeito de Pelotas ou com as entidades representativas, os dois estarão sempre juntos. "Quem manda na UFPE é a comunidade da UFPE", disse o atual reitor, Paulo Hallal, em live institucional transmitida nesta quinta (7).

✗ (19) **SOFRERAM INTERVENÇÃO:**
Nomeado o 2º colocado:
UFES - UFTM - IFSC - UFPI - UFPE

Nomeado o 3º colocado:
Unifesspa - UNIFEI - UFRGS - UFFS - UFRB - UFC - UFRSA - UFVJM - UFPB

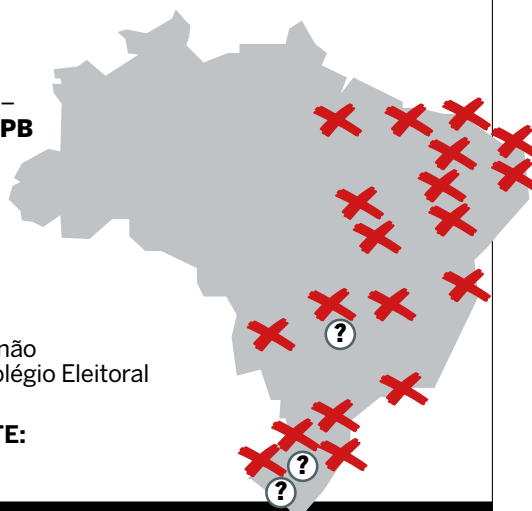
Nomeado não participou do processo:
UNIVASF - IFRN - UFGD

Nomeado de fora: **CEFET-RJ**

(1) Designada reitora *pro tempore*: **UFS**

(1) **CASO SINGULAR: UNIRIO** - nomeado não participou da consulta, mas venceu no Colégio Eleitoral

(2) (3) **AGUARDAM DECISÃO DO PRESIDENTE:**
UFSCAR - IF FARROUPILHA - FURG



DESTAQUE



CAIXA ESTORNA PAGAMENTOS DE SERVIDORES E PENSIONISTAS

■ A Pró-Reitoria de Pessoal informa que, por problemas no sistema da Caixa Econômica Federal, alguns servidores ativos, aposentados e pensionistas não receberam seus vencimentos, proventos ou pensões. Esses valores foram estornados para a conta da universidade. A Caixa enviou ofício informando que as contas-salário estão inválidas. A Pró-Reitoria de Pessoal entrou em contato com o banco para que informasse o real motivo desses estornos, pois as contas são as habitualmente utilizadas para recebimento. Mas, até o fechamento desta edição, a resposta não havia chegado. "Para que possamos reapresentar os valores estornados dos servidores e pensionistas pelo banco, solicitamos que encaminhem e-mail para: atendimento@pessoal.ufrj.br anexando o comprovante de conta-corrente de mesma titularidade para processamento do pagamento", informou a Pró-Reitoria de Pessoal.

Pesquisa abre nova frente de detecção do câncer

> Cientistas do Instituto de Bioquímica Médica investigam como proteínas transportadoras de fosfato influenciam no surgimento de células com tumores e no avanço da doença até a metástase

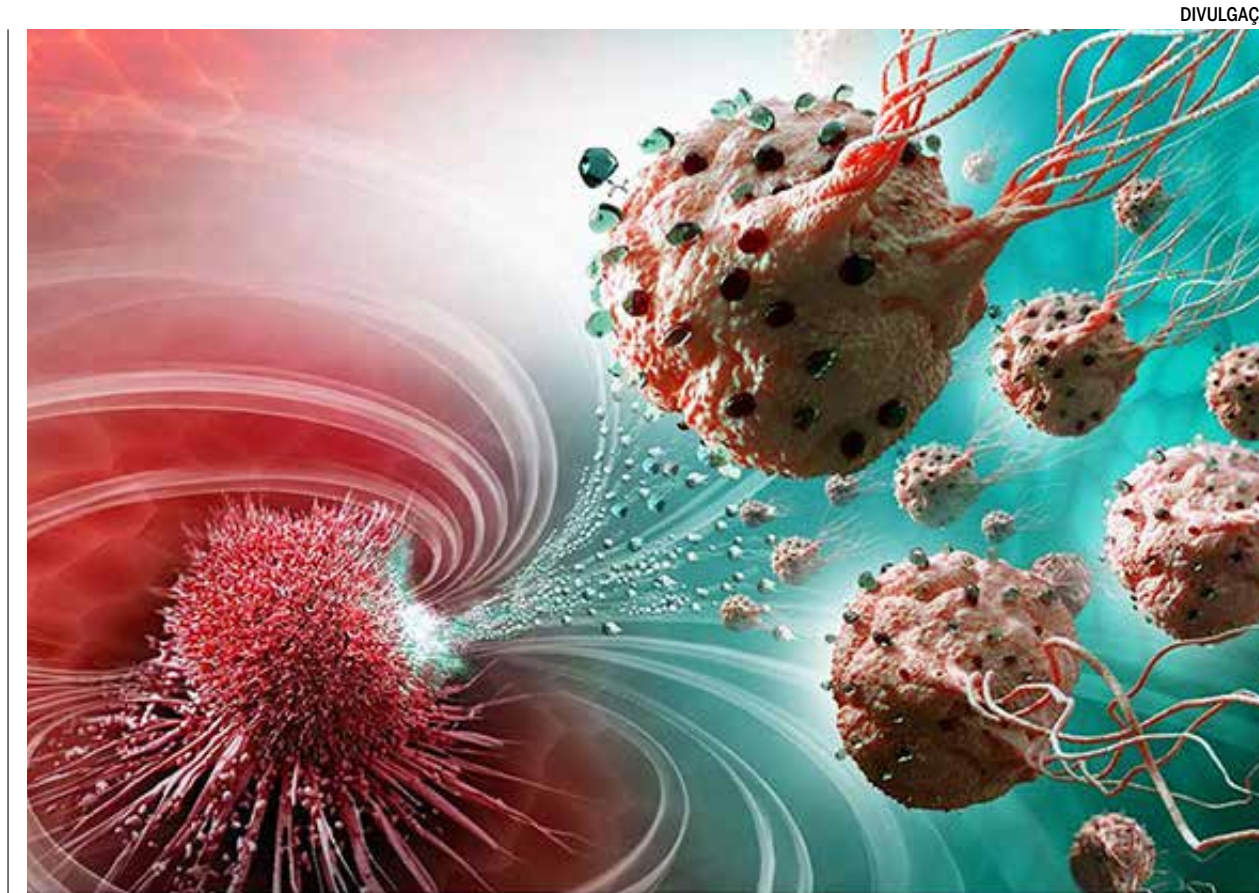
SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Mais um trabalho pioneiro sai dos laboratórios da UFRJ. Desta vez, envolvendo transportadores de fosfato e células tumorais. Pesquisadores da universidade, ligados ao Laboratório de Bioquímica Celular, do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis (IBQM), descobriram que altas concentrações dessas proteínas no sangue podem contribuir para aumentar a velocidade de desenvolvimento de um câncer e sua posterior metástase.

Os experimentos foram realizados com células normais e tumorais de mama, em laboratório. E apontam para um futuro promissor. Além de ajudar a entender o mecanismo que pode estar por trás do surgimento de tumores, também indicam a possibilidade de novos tratamentos e até um diagnóstico ainda mais precoce, logo nos primeiros momentos da instalação de um câncer ou, quem sabe, antes que ele aconteça. "Ainda são necessários outros estudos para se chegar a este patamar, mas são possibilidades que se abrem para o futuro", admite o professor titular do IBQM José Roberto Meyer, coordenador do estudo. "Ciência precisa de investigação", ele afirma.

O docente, que faz parte da lista dos cientistas mais influentes do mundo - publicada pela revista *Plos Biology* e replicada pelo *Jornal da AdUFRJ*, em dezembro -, explica que já estudava os transportadores de fosfato em protozoários e que a ideia de investigá-los em células de câncer surgiu quando ele percebeu que não havia estudos mais aprofundados nessa área. "Nunca foi dada muita ênfase aos transportadores de fosfato em células tumorais, mas o fosfato é fundamental para qualquer célula", aponta. "Ora, se as células normais já necessitam desse nutriente para gerarem energia, nossa teoria era de que células tumorais precisariam de muito mais fosfato, já que demandam muito mais energia por conta de sua alta capacidade de multiplicação", explica.

A hipótese se confirmou. Em 2018, eles publicaram o primeiro trabalho, depois de três anos de investigação, na revista *Plos One*. Foi a primeira caracteriza-



O ESTUDO partiu de experimentos em laboratório com células normais e tumorais de mama

ção bioquímica dos transportadores de fosfato dependentes de sódio em células cancerígenas da literatura. "Percebemos que a célula tumoral de mama tinha muito mais transportadores de fosfato do que células de mama normais".

Em 2019, um novo trabalho foi publicado, desta vez caracterizando outro grupo de transportadores de fosfato que não dependem de sódio, mas de prótons. Novamente, eles foram os primeiros a fazer este estudo no mundo. "Investigamos um mecanismo potencialmente importante para explicar por que células normais se transformam em tumorais". Mas ele alerta que não se pode reduzir a tumorigênese, ou seja, a origem de um tumor, à quantidade de fosfato no sangue. "Ainda há alguns resultados que precisam ser relacionados para que a gente possa ter certeza dessa afirmação".

No final do ano passado, outro artigo, desta vez publicado no *International Journal of Molecular Sciences*, trouxe mais avanços às descobertas. "Comprovamos que o transportador de fosfato protodependente tem papel crucial no desenvolvimento do câncer. E buscamos trabalhar com inibidores de fosfato inorgânico para avaliar se haveria diminuição da velocidade da propagação do tumor", revela o doutorando Marco Antonio Lacerda Abreu, primeiro autor dos últimos trabalhos publicados pelo grupo.

As drogas PFA (ácido fosfonofórmico, utilizado em tratamentos de infecções por herpesvírus e citomegalovírus)

Investigamos um mecanismo potencialmente importante para explicar por que células normais se transformam em tumorais

JOSÉ ROBERTO MEYER FERNANDES
Coordenador do estudo

de propagação e regredir a um estágio menos invasivo", afirma Marco Antonio.

A pós-doutoranda Thais Russo Abrahão Barcellos, primeira autora do trabalho divulgado em 2018 e coautora das demais publicações do grupo, reforça a descoberta. "Esses inibidores também dificultaram ou impediram os processos de metástase nas células cancerígenas. É claro que não podemos usar um inibidor que mate as células saudáveis, por isso é difícil encontrar drogas que façam esse trabalho afetando somente esses transportadores que vão alimentar o tumor".

A jovem cientista enfatiza a importância da pesquisa básica. "É ela que dá os fundamentos para as pesquisas que serão realizadas depois, como o desenvolvimento de novos tratamentos ou novos medicamentos", diz. "Não necessariamente a gente vai descobrir a cura do câncer, mas a gente pavimentar o terreno para que outros descubram", orgulha-se.

Agora, os pesquisadores estudam as moléculas sinalizadoras, que indicam para o metabolismo celular que caminho deve ser seguido a partir de diferentes níveis de fosfato. Ou seja, de que forma essas células vão se comportar. Algo que pode indicar com mais precisão a razão pela qual uma célula saudável pode se tornar um câncer. "Estamos fazendo essas correlações", diz o professor Meyer, que orienta Marco e Thais nas pesquisas. "Esta etapa nos trará novas respostas, mas já é tema para outro trabalho", finaliza Thais. Estamos ansiosos.

PERFIL



JOSÉ ROBERTO MEYER FERNANDES
59 ANOS

Professor titular do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis

Coordenador do trabalho
Chefe do Laboratório de Bioquímica Celular do IBQM

Graduação em Ciências Biológicas, mestrado e doutorado em Biofísica pela UFRJ, pós-doutorado na University of Arizona

Pesquisador Nível IB do CNPq



MARCO ANTONIO LACERDA ABREU
27 ANOS

1º autor dos últimos trabalhos e orientando do professor José Roberto Meyer Fernandes

Graduação em Ciências Biológicas, com ênfase em Biotecnologia pela UFRJ (Campus Duque de Caxias), mestrado e doutorado (em andamento), em Química Biológica pelo IBQM



THAIS RUSSO ABRAHÃO BARCELLOS
34 ANOS

1ª autora dos primeiros trabalhos de série e coautora dos mais recentes, orientanda do professor José Roberto Meyer Fernandes

Graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Química Biológica e doutorado em Ciências Biológicas - Microbiologia pela UFRJ.

Atualmente faz seu pós-doutorado no Laboratório de Bioquímica Celular do IBQM

Verão é novo desafio na volta às aulas

> Quedas de energia, frequentes na estação, e aumento nas contas de luz se associam ao cansaço de alunos e professores que não tiveram férias

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrrj.org.br

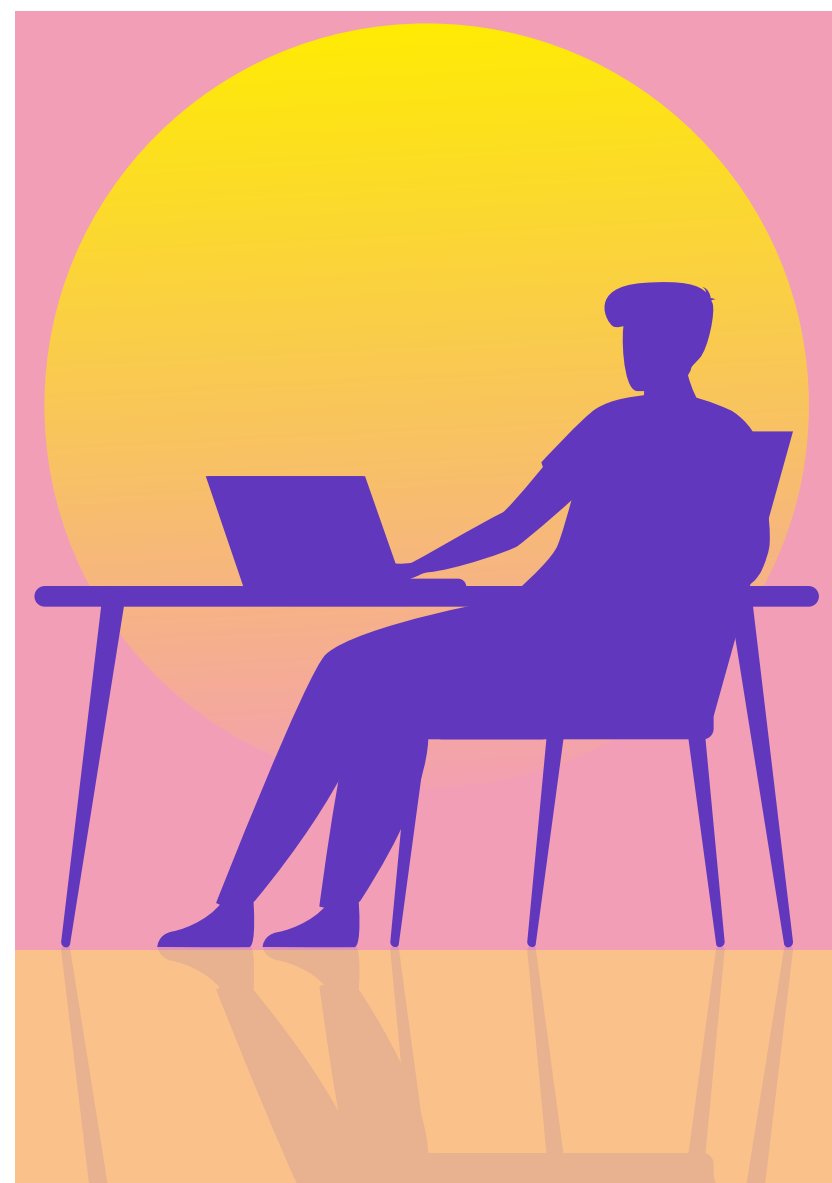
O ano é novo. Mas o semestre, não. O retorno das aulas remotas de 2020.1, em pleno janeiro, traz novos desafios para professores e alunos. Além das dificuldades inerentes ao ensino remoto, eles agora têm que lidar um verão dentro de casa, sem férias ou descanso, e ainda sujeitos às quedas de energia durante o período, por causa da forte demanda da estação, e ao aumento nas contas de luz.

Para a chefe do Departamento de Ciência Política do IFCS, Thais Florencio de Aguiar, é ao menos estranho voltar a dar aulas no dia 4 de janeiro. “Dei aula até a véspera de Natal. Percebo que um grande desafio é superar o cansaço e o desgaste que estamos vivenciando, com a pandemia e a implementação do ensino remoto emergencial”, afirma. “Nosso corpo estava habituado a ter um período de descanso nessa época, de aproveitar o verão”, lembra.

Thais acredita que a fórmula adotada pela UFRJ, com períodos com 12 semanas e 60 horas obrigatórias, traz um cansaço muito maior. “Os professores passam muitas atividades para

fazer em casa, mas os alunos não dão conta, fica muito acelerado. Estamos numa tentativa, mantendo certas exigências, mas não está fácil”, diz. Na semana de retorno, a disciplina ministrada por Thais teve alta no comparecimento estudantil. “Inclusive de muitos alunos que foram faltosos em dezembro”, conta.

No tempo que teve para desfrutar o recesso, a professora do IFCS se manteve dentro de casa e procurou dar mais atenção à família. Entretanto, Thais não conseguiu se desconectar dos afazeres do trabalho. “Recebi ligação na véspera do Natal, e depois de professores tentando resolver seus problemas. Não foi possível desconectar. Por exaustão mesmo, consegui não trabalhar, embora tivesse muitas demandas”, explica. Para Thais, o calendário acadêmico sem férias penaliza as crianças filhas de pais universitários e estudantes. “Elas já tiveram um ano muito complicado, com frustrações e limitações, desenvolvendo inclusive doenças mentais, e agora seus pais ficam sem possibilidade de se dedicar a elas e proporcionar uma vivência saudável ao menos nesse período”, afirma. Na Ciência Política, alguns professores têm férias marcadas para o atual momento e estão oferecendo aulas. “Me questiono como essas fé-



rias serão aproveitadas. Não tem como o professor tirar um mês de férias nessa situação”, opina. Os alunos também se ressen-

tem de um tempo maior para descanso. “O estudante divide os anos por períodos, 2020.1 ou 2020.2, por exemplo. Sempre

olhamos o verão como um tempo para descansar e se preparar para o próximo período, e agora estamos aqui tendo que estudar”, afirma a estudante Júlia Vilhena, diretora do DCE Mário Prata. “Os principais desafios são de ordem acadêmica, já que não estamos tendo a mesma qualidade de conteúdo que a UFRJ oferece no ensino presencial, e também a questão da pandemia”, diz. Ela lembra que, por muitas vezes, o Diretório Central dos Estudantes colocou a necessidade de um tempo maior de recesso nos conselhos universitários. “Duas semanas é um tempo curto para conseguir se recuperar e dar conta de muito conteúdo. Mas nossas demandas não foram contempladas”, explica.

No Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) há um consenso sobre o principal desafio a ser enfrentado. Para os coordenadores do Instituto de Química, Ricardo Michel, Rosane San Gil e Thiago Cardozo, o curto recesso não é suficiente para se recuperar após o excesso de trabalho de um primeiro período remoto. Além disso, segundo eles, parte do trabalho de preparação de aulas acabou sendo feito durante o recesso.

A chegada do verão certamente dificulta o ensino remoto para os professores que não possuem ar-condicionado. “O verão, independentemente do formato das aulas, é sempre um grande desafio quando estamos em período de aula”, lembra a coordenadora do curso de Gastronomia, Ceci Figueiredo. “O consumo de energia é sempre maior, ocasionando uma sobrecarga no sistema elétrico com prováveis quedas de energia, perda nas conexões e desconforto térmico. Tudo isso dificulta o acesso e a concentração dos alunos”, afirma.

VÍDEOS DO S.O.S. ENSINO REMOTO JÁ ESTÃO DISPONÍVEIS



ensino remoto no dia 4 de janeiro. Porém, as circunstâncias pandêmicas forçaram que os primeiros passos de 2021 ainda sejam relativos ao período letivo de 2020.1. Se adaptar ao novo calendário é apenas mais um dos desafios da comunidade acadêmica nesse momento. Por isso, a AdUFRJ lançou a iniciativa S.O.S. Ensino Remoto, que oferece suporte ao trabalho dos professores.

“No final do ano passado, a gente chamou a consultora Cristina Ávila Mendes para falar em linhas gerais dos desafios do ensino remoto durante a pandemia. Foram muitas dicas e instruções sobre como organizar um curso, como interagir com os estudantes, e como avaliá-los”, explica Felipe Rosa, vice-presidente da AdUFRJ. O lançamento do projeto aconteceu no dia 2 de dezembro, pela plataforma Zoom. Na ocasião, a apresentação foi gravada. “Nós dividimos essa apresentação em três partes e agora disponibilizamos no

nosso canal do youtube, a TV AdUFRJ”, completa Felipe. Além das orientações já apresentadas, que vão do planejamento das aulas ao engajamento da turma, o projeto oferece uma sala no Google Classroom para tirar dúvidas. Nessa plataforma, a consultora educacional já disponibilizou diversos tutoriais, links e sugestões. “Lá tem bastante material preparado pela Cristina, que pode auxiliar muito os docentes

na preparação e na condução dos cursos a distância. Todos os professores estão convidados a se inscrever”, incentiva Felipe. O espaço tem como proposta buscar soluções para as questões rotineiras das disciplinas remotas.

Cristina Ávila Mendes, que já foi coordenadora de Ensino a Distância do Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil do Senai, realizou no último dia 5 um seminário sobre boas prá-

ticas no ensino remoto, para o Instituto de Bioquímica Médica (IBqM/UFRJ). Com a chegada de novos participantes na turma do Classroom, ela acredita que haverá uma demanda pela realização de pequenos vídeos ou até mesmo videoconferências para esclarecimento de eventuais dúvidas dos professores. Para entrar na sala, acesse: <https://classroom.google.com/u/0/c/MTY0MTIzODE4NDk5> (Kim Queiroz)



LINKS PARA OS VÍDEOS:

PARTE 1:
youtu.be/7ttsvl6jcca

PARTE 2:
youtu.be/ABmao8VXPLk

PARTE 3:
youtu.be/qFFmrdgDU6Y

A cada novo ciclo, a necessidade de reforçar os aprendizados. Após o breve recesso para as festas de final de ano, a UFRJ retomou suas atividades de

UFRJ faz campanha para compra de meteorito raro

> Arrecadação de recursos por meio de doações é vital para manter no país a peça, que não está agrupada em nenhuma das classificações hoje existentes e será objeto de estudos promissores

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

A UFRJ está fazendo uma campanha de arrecadação de recursos para comprar o meteorito Campinorte, o terceiro maior do Brasil, peça importante nos estudos da formação do planeta Terra. A campanha precisa arrecadar R\$ 400 mil, valor que inclui os custos de transporte do meteorito que está no estado de Goiás, onde foi encontrado. As doações estão sendo recebidas por meio da Fundação Coordenação de Projetos, Pesquisas e Estudos Tecnológicos (COPPETEC), instituição de direito privado, sem fins lucrativos, destinada a apoiar a realização de projetos de desenvolvimento tecnológico, de pesquisa, de ensino e de extensão da COPPE e demais unidades da UFRJ.

O meteorito já está à venda há alguns anos, mas o proprietário nunca encontrou um comprador que pagasse o preço pedido. Caso a UFRJ consiga reunir os recursos para comprar a peça, ela será abrigada no Museu da wGeodiversidade, no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN). “A ideia era que o meteorito fosse comprado pelo Museu Nacional, mas a unidade não conseguiu, no meio da sua reconstrução, dispor desse dinheiro”, explicou a professora Kátia Mansur, diretora do Museu da Geodiversidade.

Segundo Kátia, o Brasil não tem uma legislação para a aquisição de meteoritos, o que faz com que muitos dos objetos encontrados sejam vendidos para fora do país. “Nós entendemos que esse meteorito não deve sair do Brasil. Deve ficar aqui, acessível para quem quiser pesquisá-lo, e em um museu onde possa ser visitado”, contou a Kátia Mansur.



A PROFESSORA
Elizabeth Zucolotto com o meteorito Campinorte, que pode ser comprado e incorporado ao acervo do Museu da Geodiversidade da UFRJ

Até o fechamento desta edição, a campanha havia arrecadado R\$ 16 mil de 85 doadores. Caso a compra seja efetivada, a peça vai ficar exposta com uma placa com o nome de todos os doadores. “Alguns doaram R\$ 10, outros doaram R\$ 2 mil. Cada doação é importante. Falta muito, mas a gente acredita que vai conseguir encontrar mais pessoas que se interessem em manter esse objeto científico no nosso país”, reforçou Kátia, que não tem informações sobre outros possíveis compradores, mas informou que o proprietário do Campinorte está dando prioridade à UFRJ. “Creio que a gente consiga reunir o valor para a compra até o fim do mês. É difícil, mas a gente vai tentar”.

Quem explica a importância do Campinorte para a ciência é a professora Elizabeth Zucolotto, do Museu Nacional, uma das maiores especialistas em meteoritos do Brasil e quem propôs ao Museu da Geodiversidade que comprasse o objeto. Ela explica que a Geologia só consegue recolher amostras das camadas mais externas da Terra. “Um meteorito como esse, que é do tipo metálico, tem uma composição similar à do núcleo da Terra”.

Os meteoritos são formados pelos mesmos materiais que formam a Terra. O Campinorte tem ainda uma peculiaridade: ele é não agrupado, ou seja, os estudos preliminares que foram feitos mostraram que ele não se enquadra em nenhuma das classificações hoje existentes. “Ele não se enquadra em nenhum

dos grupos químicos. Pode ser que, no futuro, ele faça parte de um novo grupo. Mas para isso é preciso que outros como ele sejam encontrados”, explicou Elizabeth. Esse fator torna o Campinorte ainda mais valioso do ponto de vista científico.

Com 1,5 tonelada e medindo 75 centímetros de diâmetro, o Campinorte é o terceiro maior meteorito encontrado no Brasil (os dois primeiros, Bendegó e Santa Luzia, fazem parte do acervo do Museu Nacional). A estimativa da professora é que o objeto tenha 4,56 bilhões de anos, e tenha caído há milhares de anos no local onde hoje é a cidade goiana de Campinorte. O meteorito foi encontrado por mineradores em 1992, mas só foi desenterrado nos anos 2000. Em 2009, o Museu Nacional foi

contactado para reconhecer o artefato, e Elizabeth Zucolotto recebeu um pedaço do objeto para confirmar sua autenticidade.

“O meteorito é mais uma peça para estudar a formação e a evolução do Sistema Solar”, explicou Elizabeth. “Um meteorito só não vai contar uma grande história, mas ele é diferente dos outros, então ele pode trazer novas informações”, detalhou. Mas para a professora o Campinorte tem também uma importância simbólica, se exposto em um museu. “Esse meteorito é mais antigo que a Terra. Quando uma criança encostar nela, ela vai estar diante da coisa de mais longe e mais velha que alguém pode tocar. E isso é algo que mexe com a cabeça das crianças”, defendeu a professora.

NOTAS

ADEUS AO PROFESSOR EDSON ROSA DA SILVA



Faleceu, no dia 30 de dezembro, Edson Rosa da Silva, professor titular de Literatura Francesa do Departamento de Letras Neolatinas, onde foi um dos criadores do programa de pós-graduação. A cremação do corpo aconteceu no Cemitério Parque da Colina, em Niterói (RJ). A morte foi lamentada, em nota, pela Faculdade de Letras. “A Faculdade de Letras presta condolências aos familiares, amigos, colegas e lamenta a perda deste grande professor”, Edson possuía vasta experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, e atuava principalmente no estudo de André Malraux e Walter Benjamin. Teve sua trajetória marcada pela UFRJ, onde fez graduação, mestrado e doutorado na Faculdade de Letras. Era conhecido como um excelente professor e pesquisador, além de comprometido com a defesa da universidade pública gratuita e de qualidade. Inteligente e sensível, Edson deixará saudades naqueles que tiveram o privilégio de o conhecer.

PROFESSORES PODEM SOLICITAR KITS DE MÁSCARAS DA ADUFRJ



Sintonizada com a gravidade da pandemia, a AdUFRJ distribuiu um kit de máscaras como brinde de fim de ano para os docentes. Receberam primeiro aqueles que estão com cadastro atualizado junto ao sindicato. Para quem ainda não ganhou, a solicitação dos kits pode ser feita por um formulário eletrônico disponível em <https://bit.ly/3mjPamI>, desde o dia 4. No link, o docente deve informar o nome completo, números e e-mail de contato e o endereço. Cada kit tem três máscaras — nas cores amarela, verde e roxa —, feitas de tecido triplô com TNT, o que confere um alto grau de proteção contra o novo coronavírus. “Em 2021, não serão poucos os desafios. Que os enfrentemos com ânimo, energia e cuidados, preservando a vida em primeiro lugar”, afirma a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller. Além do logotipo do sindicato, as máscaras são estampadas com frases como: “Eu defendo a Educação”.

Combate à pandemia nas favelas tem mais recursos

> Assembleia Legislativa do Rio destina R\$ 20 milhões a plano de ações para o enfrentamento da covid-19 nas comunidades de todo o estado. Parceria une UFRJ, Fiocruz, Uerj, PUC-Rio e lideranças

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

No penúltimo dia de 2020, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro oficializou o repasse de R\$ 20 milhões para ações de combate à pandemia nas favelas. Os recursos foram destinados à Fiocruz, que formulou, em conjunto com a UFRJ, a Uerj, a PUC-Rio e lideranças comunitárias, um plano de ação para o enfrentamento da covid-19 voltado para essas áreas de maior vulnerabilidade.

Professor do Núcleo de Estudos e Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH) e coordenador executivo do Plano de Enfrentamento da Covid-19 nas Favelas, Richarlls Martins foi convidado para assumir o posto pela presidente da Fiocruz, Nísia Trindade. “Essa ação deriva da articulação da comunidade científica, entidades de profissionais de saúde e lideranças de territórios de favela. O escopo central é pensar ações que auxiliem na mitigação de efeitos de saúde, sanitários e econômicos da pandemia”, explica o pesquisador.

Nos próximos dias, o grupo lançará uma seleção pública para financiar 140 projetos voltados para articular ações de vigilância em saúde de base territorial. O edital vai abranger favelas de todo o estado do Rio de Janeiro e prevê o apoio de R\$ 17 milhões.



ENTREGA simbólica dos R\$ 20 milhões da Alerj no Castelo de Manguinhos, sede da Fiocruz

“É o maior do país na área”, revela Martins.

Outra vertente do plano é o fomento à pesquisa científica para enfrentamento da pandemia e promoção à saúde nas favelas. Uma terceira área de atuação é o financiamento de ações de comunicação que articulem as favelas dos 92 municípios do estado para a promoção da saúde desses territórios. “Só na cidade do Rio de Janeiro, mais de 12% de todos os domicílios estão nas favelas. No estado, aproximadamente 17% da população fluminense vive em favelas”, destaca o professor. “Além disso, há um impacto social com a mudança de paradigmas na execução de

políticas públicas para populações de favelas. Pode mudar a cultura da participação social de vigilância em saúde”, acredita o pesquisador.

A lei que possibilitou o repasse dos recursos é de autoria da deputada estadual Renata Souza (PSOL). “A ideia de criar a lei surgiu das lideranças comunitárias que me procuraram para pedir uma intervenção do poder público em ações que pudessem mitigar os efeitos da pandemia nessas regiões”, explica a deputada. “Fizemos, então, a primeira lei, que corresponde ao Plano de Enfrentamento à covid-19 nas favelas, um programa que busca cobrir ações de combate à

pandemia”.

Esta lei foi aprovada ainda em agosto, mas era preciso mais. “A partir do plano, surgiu o desafio de como financiar as ações desta lei. E por isso propus a segunda lei, também aprovada em agosto, que previu o repasse dos R\$ 20 milhões”, conta. “A coordenação de ações que possibilitem interações mais concretas vem da expertise das instituições”, afirma a parlamentar. “A UFRJ já tem uma relação muito próxima com a Maré. A gente quer partir dessa relação já estruturada, por meio de seus projetos de extensão, para provocar ainda mais essa interação e troca de saberes”, revela a deputada, que é ex-alu-

na de mestrado e doutorado da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ e morou ao longo de toda a sua vida na Maré.

Pró-reitora de Extensão, a professora Ivana Bentes, da ECO, endossa a fala da deputada. “Esses recursos são fundamentais para darmos visibilidade às ações de extensão já realizadas pela universidade no entorno do campus, mas não só”, afirma. A ideia da PR-5 é consolidar a ideia de “campus UFRJ” nos territórios. “Criar o Campus Alemão, o Campus Maré, para territorializarmos ainda mais as ações da universidade. Já são espaços de troca de conhecimento, de saberes. Já são lugares de prática, já são campi avançados”, destaca a pró-reitora. “Nomear esses espaços é uma afirmação política e, ao mesmo tempo, a gente concretiza o que já existe”.

Vantuil Pereira, diretor do Núcleo de Estudos e Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH), também concorda que o dinheiro permite o aprofundamento do contato da universidade com a sociedade neste momento tão delicado. “Possibilita a realização de ações efetivas no enfrentamento da pandemia, através, sobretudo, da extensão. Mas há também outras áreas atuando de forma paralela. Esse dinheiro vai apoiar muito essas atividades. Há projetos da Escola de Serviço Social, do IESC, do Nides, do NEPP-DH, do Instituto de Psicologia”, destaca.

Hospital está com 100% de ocupação dos leitos

> Crescimento do contágio pelo novo coronavírus coincidiu com o encerramento dos contratos temporários de profissionais de saúde. Unidade iniciou novas contratações para reabrir leitos

KELVIN MELO
kelvini@adufrrj.org.br

Todos os 27 leitos do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho para pacientes com covid-19 estão ocupados. A situação reflete o recente aumento dos casos da doença, que pressiona o sistema de saúde do estado. No dia 4, segundo o governo fluminense, estavam preenchidas 87% das vagas de enfermagem e 92% das vagas de CTI da capital voltadas para o combate à pandemia.

O avanço do contágio pelo coronavírus também coincidiu com a diminuição da capacidade de atendimento da unidade, por falta de pessoal. Em junho, o HU chegou a ativar 48 leitos de CTI e 32 de enfermagem, exclusivos para o tratamento da doença. Mas, no início de novembro, foram encerrados os contratos de profissionais temporários, pagos com recursos do MEC. De outubro até o fim de dezembro, o efetivo contratado com verbas do Ministério da Saúde sofreu uma redução de 50%. Hoje, há 15 leitos de CTI e 12 de enfermagem para covid-19.

“Em dezembro, voltaram a aparecer muitos pacientes. Só que o HU ainda não conseguiu expandir o número de leitos”, explica o médico intensivista Pedro Tibúrcio.



FERNANDO SOUZA

“Para quem está na batalha desde o início, a fadiga é absurda”, completa.

“O hospital se adequou tanto quanto possível às circunstâncias do recrudescimento de casos. Houve a descontinuidade de alguns contratos de pessoal e isso sobrecarrega os que continuaram trabalhando”, reforça o professor Alexandre Cardoso, pneumologista e ex-diretor do HU. “Não têm sido momentos fáceis para nós no hospital, mas estamos dando conta do recado”.

Além do cansaço, os profissionais de saúde convivem com o risco de infecção.

Segundo o Serviço de Saúde do Trabalhador do hospital (Sesat), já foram registrados 3.221 casos suspeitos sintomáticos: 2.171 foram afastados por até cinco dias enquanto aguardavam resultados e negativos; 1.050 casos positivos foram afastados por 12 ou mais dias. Cerca de 15 ainda estão afastados. Não há casos de reinfecção.

Em compensação, Pedro destaca que a expertise da equipe cresceu após quase dez meses de pandemia — o HU começou a receber os primeiros casos confirmados e suspeitos de covid-19 na segunda quinzena de março. “Lá atrás, nós não tínhamos *know-how*. Nossa atuação hoje é muito mais eficaz. Mas estamos trabalhando com menos gente”.

O médico reafirma os cuidados que a população deve seguir. “As medidas de não aglomeração, de uso de máscaras e higiene das mãos deverão ser mantidas na nossa rotina”, alerta. “Esperamos que a vacinação comece o mais rapidamente possível e que tenha adesão maciça, qualquer que seja a vacina oferecida”, completa.

A mensagem é acompanhada pelo diretor-geral do HUCFF, professor Marcos Freire: “A pandemia não acabou. Estamos todos ansiosos pela vacina e conscientes de que é importante seguir as regras de ouro”, afirma.

Alexandre Cardoso cobra a responsabi-

lidade do presidente Jair Bolsonaro: “Ele dá maus exemplos em todos os níveis, não usa máscara e algumas pessoas acabam seguindo isso”, diz. “E não tem ainda um plano de vacinação estruturado”, critica.

NOVAS CONTRATAÇÕES

“Para 2021, as perspectivas são boas. Temos um hospital abastecido e uma direção mobilizada para manter seu corpo funcional”, acrescenta Marcos Freire, destacando a integração entre o HU, o Complexo Hospitalar e as esferas federal, estadual e municipal.

Para expandir o número de vagas para covid-19, o hospital conta com uma nova contratação de profissionais temporários via Fiotec, a fundação de apoio à Fiocruz, com verba do Ministério da Saúde. O prazo de trabalho será de seis meses. “Desta forma, o cronograma de abertura progressiva de leitos, para oferta de CTI e enfermagem, foi iniciado esta semana com o acolhimento destes profissionais. Até o momento, recebemos 245. Está prevista a chegada de um total de 495 profissionais da Fiotec”, informa a assessoria de imprensa do HU.

Com recursos humanos adequados, a unidade diz que teria capacidade de até 350 leitos (hoje, são 283), sendo 74 leitos para atendimento de pacientes com covid-19.

ENTREVISTA | LIGIA BAHIA, PROFESSORA DO INSTITUTO DE ESTUDOS EM SAÚDE COLETIVA DA UFRJ

FUNDO PÚBLICO PODE SER O CAMINHO PARA A VACINAÇÃO

Pesquisadora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva e ex-diretora da AdUFRJ, a professora Ligia Bahia propõe a criação de um fundo público para garantir a imunização de todos os brasileiros. A ideia se espelha na Aliança da Organização Mundial da Saúde para distribuição de vacinas contra o coronavírus (Covax). E ela visa também mais transparência nas contas dos gastos públicos durante a pandemia.

Qual o objetivo de um fundo público para vacinação?

O Brasil está atrasado na vacinação e as duas frentes previstas para produção das vacinas — a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Butantan — somadas são insuficientes para as 450 milhões de doses que precisamos. A mídia está muito focada na questão do desenvolvimento das vacinas, mas pouco se fala em garantir as doses necessárias. Este é o foco do fundo.

Como funcionaria esse fundo?

A inspiração vem da Covax, programa da Organização Mundial da Saúde (OMS) para distribuição de vacinas contra o coronavírus nos países com renda baixa. A proposta é de um fundo com recursos públicos e privados. No caso do Brasil, é fundamental envolver agentes de peso como o Itaú e a Vale. É importante criar uma pressão social pela vacinação universal em um movimento que vá além da esquerda.

O recurso destinado pelo governo federal para aquisição de vacinas é insuficiente?

O que nós temos é um anúncio de uma medida provisória (MP) na casa dos R\$ 20 bilhões para o Ministério da Saúde. Mas já foi sinalizado que o valor, na verdade, incluiria uma série de outras coisas como os gastos já realizados com as pesquisas. Não há muita informação sobre onde e como os gastos estão sendo feitos. Um fundo contribui também para mais transparência para essas contas, aumenta a vigilância sobre os gastos. Ele permite uma nova institucionalidade, diferente, que debata a compra de vacinas de forma mais republicana.

Qual é a sua avaliação sobre a organização para vacinação nacional em curso?

Não temos um plano nacional de vacinação. A vacinação está caminhando, como tudo durante a pandemia, de forma caótica.



Temos iniciativas isoladas de governadores aqui e ali. Não temos mapas de nada. Na realidade, temos muito pouco. Hoje, temos milhões vacinados no planeta. Israel, por exemplo, vacinou 20% da sua população.

Na América Latina, a Argentina, o Chile e o México já começaram a vacinação.

O governo federal aposta no peso financeiro de uma eventual compra. Ele argumenta que o Brasil é um mercado cobiado por qualquer laboratório internacional...

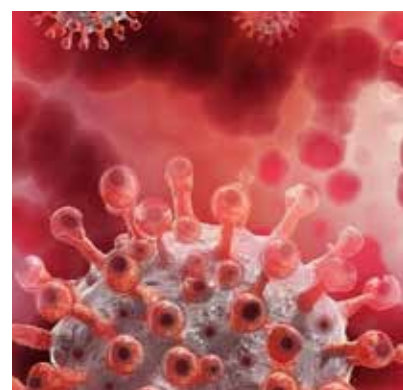
Bolsonaro disse que a Pfizer deveria correr atrás do Brasil, mas não é verdade. O movimento é oposto, o momento é de alta competição pela compra. Mais: não se trata só de uma questão de dinheiro, prestígio também conta muito agora. Há um movimento global de mudança de perspectiva em relação às pandemias a partir da noção de que todos são afetados. A vacina contra o ebola foi desenvolvida pelos Estados Unidos. Enquanto isso, o Brasil tem se movido em sentido inverso e hoje se posiciona ao lado de países contrários à quebra de patente, por exemplo. (Elisa Monteiro)

NOTAS

NOVA CEPA DO CORONAVÍRUS É DESCOBERTA NO RIO DE JANEIRO

Pesquisa do Laboratório de Virologia Molecular da UFRJ, em parceria com o Laboratório de Bioinformática do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), descobriu uma nova linhagem do vírus responsável pela covid-19 no Rio de Janeiro. A divulgação da descoberta foi feita no final de dezembro.

De acordo com a professora Carolina Moreira Voloch, do Laboratório de Virologia Molecular da UFRJ, novas linhagens surgem o tempo todo, o que é esperado para o Sars-CoV-2, um vírus novo. “Uma particularidade desses vírus que são pandêmicos é que há uma população muito grande deles circulando. Esse processo é muito dinâmico porque as linhagens são muito parecidas entre si”, explicou a professora. “O trabalho de vigilância genômica é de tentar entender como o vírus evoluiu ao longo



do tempo, quais seus padrões de espalhamento”.

Segundo a professora, a epidemia no Brasil é caracterizada por três linhagens que sustentam a transmissão comunitária. “Essa linhagem, que só encontramos circulando no Rio de Janeiro, surgiu a partir de uma que já estava circulando no Brasil antes”. Mas a professora ressalta que não há necessidade de alarde por causa do surgimento de novas linhagens.

“Novas linhagens podem surgir, e podem ser mais ou menos infecciosas. Por enquanto, não sabemos”, observou.

Carolina Voloch disse que é natural que vírus sofram essas mutações no curso do tempo, e ressaltou que a melhor maneira de lidar com as novas linhagens é tomando os cuidados usuais contra a covid-19. “É importante que as pessoas se conscientizem que estamos em um momento de pandemia. Enquanto a maioria da população não estiver vacinada, não podemos nos descuidar”, defendeu a pesquisadora.

Uma das maneiras de tentar restringir o surgimento de novas linhagens é diminuindo a população do vírus. “Quanto mais gente infectada, maior o tamanho da população do vírus, então a chance de ele sofrer mutações é maior”, explicou. “É importante as pessoas manterem o distanciamento social, o uso de máscaras e a higienização das mãos”, concluiu. (Lucas Abreu)

PESQUISA VAI MAPEAR CASOS DE COVID-19 NA UNIVERSIDADE

Uma parceria entre a reitoria, o Instituto de Estudos em Saúde Coletiva e a Faculdade de Medicina pretende mapear os casos de covid-19 na UFRJ. O inquérito epidemiológico auxiliará a universidade no planejamento e na tomada de decisões frente à pandemia, e tem o objetivo de estimar os casos de contaminação entre as 80 mil pessoas que fazem parte da comunidade acadêmica. Apesar de a participação ser voluntária, é importante que todos participem: professores, técnicos, alunos de graduação e de pós-graduação (residência, inclusive), trabalhadores terceirizados e permissionários. Os estudantes da Educação Básica poderão participar nas próximas semanas, com questionário dirigido aos responsáveis.

Uma das expectativas é que os dados coletados forneçam informações ao monitoramento

dos impactos da pandemia, ao planejamento e ao desenvolvimento das atividades acadêmicas e administrativas. O questionário possui três blocos: identificação, adoecimento por covid-19 e adoecimento por condições crônicas de risco para a doença. Não é necessário ter sido acometido pela covid-19 para participar. As respostas são individuais e não identificadas, a fim de preservar o sigilo das informações fornecidas, e a participação é voluntária até o dia 6 de março. Os resultados obtidos serão encaminhados à reitoria da UFRJ para divulgação à comunidade universitária.

Para acessar o inquérito epidemiológico, é necessário entrar no link [https://formularios.tic.ufrj.br/index.php/796291] e preencher o campo disponível com o e-mail, para onde será enviado o link de acesso ao formulário.

FUTURO DA BIBLIOTECA DE EX-REITOR ESTÁ INDEFINIDO

> Família precisa vender acervo de 17 mil volumes do professor Carlos Lessa, que faleceu em junho do ano passado. Amigos e admiradores querem manter as obras, reunidas e abertas ao público, no Rio

KELVIN MELO
kelvin@adufRJ.org.br

O destino de um tesouro da intelectualidade brasileira preocupa acadêmicos do Rio de Janeiro. A família do professor Carlos Lessa, falecido em 5 de junho, anunciou, no fim do ano passado, a intenção de vender a biblioteca de 17 mil volumes do ex-reitor da UFRJ e ex-presidente do BNDES. Amigos e admiradores de Lessa, que temem a fragmentação do acervo, querem preservar a coleção na capital carioca, de forma unificada e acessível ao público.

“Estamos precisando fazer caixa por causa da crise econômica provocada pela covid-19, a morte do meu pai e um problema de saúde da minha mãe”, explica um dos filhos do ex-reitor, o músico Rodrigo Lessa. “A gente teria alegria em doar para uma instituição, mas a situação não nos permite fazer isso”, completou.

Rodrigo explicou que, desde o início, a família tentou fazer a venda conjunta, conversando com um círculo mais próximo de amigos e conhecidos. Sem sucesso, anunciou a venda em 21 de dezembro, que poderia ser fatiada. Mas, diante do apelo de várias pessoas, recuou no dia seguinte. “Que bom que mais gente pensa como eu pensava. A ideia agora é vender a biblioteca do Carlos Lessa”, disse. A pausa na venda, porém, tem um prazo. O músico espera resolver a situação em até 45 dias. “A nossa preferência é que a biblioteca dele fique íntegra e acessível ao público. Queremos manter a memória do meu pai”, completou.

Presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller é uma das pessoas que abraçaram a causa: “Queremos lançar uma campanha para que a biblioteca não saia do Rio de Janeiro e fique num lugar público, de acesso gratuito, mesmo que não seja na UFRJ. Mas o ideal seria ficar na universidade, onde Lessa foi professor e Reitor”, defende. “Assim que saiu a notícia, muitos reagiram contra a possível venda separada”.

O pior cenário, para Eleonora, seria o acervo sair do país. “Principalmente para os EUA, onde há sempre compradores interessados. Não é raro alguém encontrar nas bibliotecas norte-americanas livros que estão esgotados aqui. Foi assim que quase perdemos o acervo do Augusto Boal”.

Eleonora nunca viu a biblioteca do ex-reitor, mas diz que é possível se ter ideia de seu valor só pelo livro escrito por Carlos Lessa: “O Rio de Todos os Brasis”. “A bibliografia é incrível. Ele tem de tudo. Há muitas preciosidades ali”.

Professor da Faculdade Nacional de Direito, Mauro Osório avalia a campanha pela biblioteca de forma positiva. “Acho a iniciativa maravilhosa. Com a decadência do Rio nos últimos anos, estamos perdendo algumas bibliotecas. A do Lessa é uma joia rara. Se a gente tiver meios



CARLOS LESSA organizou seu tesouro intelectual em um casarão do Cosme Velho. Acervo é uma declaração de amor ao Brasil

“Queremos lançar uma campanha para que a biblioteca não saia do Rio de Janeiro e fique num lugar público, de acesso gratuito, mesmo que não seja na UFRJ. Mas o ideal seria ficar na universidade”

ELEONORA ZILLER
Presidente da AdUFRJ

de articular isso, será muito importante para o Rio de Janeiro”, argumenta. Osório observa que a coleção do ex-reitor guarda muitas obras sobre a cidade. “Que é muito pouco estudada. A tradição no Rio de Janeiro é pensar o Brasil e o mundo. O Lessa era um dos poucos intelectuais que procuravam conciliar uma reflexão sobre o Brasil com uma reflexão sobre o Rio de Janeiro”, afirma.

O professor foi agraciado pela família com a doação dos documentos de Lessa sobre o Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro. O ex-reitor ocupou o cargo de diretor-executivo do plano, durante a prefeitura de César Maia. “Sempre tive uma relação muito próxima com ele”, diz.

O docente teve o privilégio de visitar a biblioteca uma vez, há alguns

anos, para pegar um livro emprestado. Algo raramente permitido pelo colecionador. “Como biblioteca privada, a do Lessa foi a maior que eu já vi”.

BIBLIOTECA

Legado de uma vida inteira de estudos, a biblioteca tem um imóvel só para ela. Ninguém morava lá. São dois andares de uma casa no Cosme Velho. Armários e estantes de madeira ocupam todo o espaço e vão até o teto. “E o pé direito é altíssimo. Você só chega nas últimas prateleiras de escada”, descreve Rodrigo. As obras, em sua maioria, estão encadernadas.

O lugar foi organizado no início dos anos 90 para acomodar tudo que Lessa acumulava. Uma parte veio de herança do pai, Clado Lessa, e do tio, Djalma Pinto Ribeiro. Ambos intelectuais já respeitados em seu tempo. O restante surge do insaciável apetite do ex-reitor pela leitura. “Em forma, ele lia praticamente um livro por dia. Ele lia numa velocidade estonteante”, afirma o filho.

O professor emérito do Instituto de Economia vivia em sebos e livrarias, garimpando obras para sua coleção. “Ele se esbaldava em Buenos Aires, uma cidade com muitas livrarias, quando estava na Argentina”, recorda Rodrigo.

“É uma biblioteca de humanas. O grosso da biblioteca eu diria que é história do Brasil. Cinquenta por cento ou mais trata desse tipo de assunto”, acrescenta. “Dentro de Brasil, há duas regiões que ele estudou com maior profundidade, que foram Rio de Janeiro e Minas Gerais”. Uma parte das obras traz a dedicatória do autor para Carlos Lessa.

Mas há de tudo: política, antropologia, sociologia, filosofia, literatura brasileira, entre muitos outros temas — ainda em vida, Lessa doou o que tinha de economia para o Instituto onde trabalhou, na UFRJ. Algumas relíquias merecem destaque: uma primeira edição de Os Lusíadas, feita pela Casa de Leitura do Real Gabinete Português de Leitura e um livro do fotógrafo Marc Ferrez.

FAMÍLIA QUER TRANSCREVER PALESTRAS

Rodrigo alimenta três grandes projetos em relação à memória do pai. O primeiro é editar algumas obras dele. Em segundo lugar, quer reunir, em um grande livro, todos os artigos que Lessa produziu. “Ele escreveu sobre muita coisa: desde shopping, modernidade, urbanismo, festas brasileiras até pós-modernidade”. O terceiro, mais ambicioso, é conseguir as gravações de con-

ferências e palestras ministradas e, em seguida, transcrever e editar o material para outro livro. “Eu penso que está ali o filé do pensamento do meu pai. As aulas dele eram verdadeiras pinturas”, explica. “Claro que, quando ele fazia um livro, sabia como apresentar o núcleo da ideia. Mas, na palestra, soltava as erudições, os cacós, as piadas. Ele gostava mais de falar do que de escrever”.